

Laé de Souza

AS



MELHORES CRÔNICAS DO LER É BOM, EXPERIMENTE!

Volume 1

ECOARTE
EDITORA



Projetos de Leitura

Autor - Laé de Souza

**AS 50 MELHORES CRÔNICAS
DO LER É BOM, EXPERIMENTE!**

O GRUPO PROJETOS DE LEITURA desenvolve várias atividades e projetos de incentivo à leitura em todo o Brasil. São ações em escolas públicas, praças públicas, parques, ônibus metrô, aeroportos, hospitais e doação de livros para instituições filantrópicas.

Em mais uma ação para facilitar o acesso à leitura, os livros do escritor Laé de Souza, utilizados nos projetos do grupo, são disponibilizados, gratuitamente, em pdf.

Projeto
LEITURA no PARQUE



Autor: Laé de Souza



CARAVANA DA LEITURA



Esta obra concretiza uma ideia de reunir os melhores textos elaborados pelo alunos participantes do projeto “Ler é Bom, Experimente!” em um livro. Os alunos desenvolveram várias atividades, a partir da leitura da obra “Nos Bastidores do Cotidiano”, concluídas com a elaboração de um texto. A primeira seleção foi efetuada pelo professor, escolhendo, entre os textos produzidos por seus alunos, o melhor, para concorrer ao prêmio de participar desta edição.

As etapas posteriores de avaliação para a escolha das 50 melhores crônicas foram realizadas pelos alunos dos cursos de Letras da UNICID – Universidade Cidade de São Paulo, coordenadas pela Prof.^a Dra. Luciana Gimenes P. dos Santos e Prof. Ms. Leandro Tadeu Alves da Luz, numa parceria da universidade com o “Projetos de Leitura”.

Além de se deliciar com a leitura dos textos produzidos pelos alunos, o leitor terá ainda uma crônica de minha autoria e outra, belíssima, do escritor Luís Fernando Veríssimo.

Agradeço aos professores que conduziram o projeto nas suas escolas, a Cia de Seguros Aliança do Brasil, que patrocina o projeto pelo terceiro ano, e felicito os autores escolhidos a compor esta obra. A alegria desse resultado é de vocês, autores, e também de seus professores e colegas.

Laé de Souza

AS 50 MELHORES CRÔNICAS DO LER É BOM, EXPERIMENTE!

Laé de Souza

Coletânea de textos dos alunos participantes
do projeto Ler é Bom, Experimente!

2ª edição | 2010



Copyright © Laé de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Laé de
As 50 melhores crônicas do Ler é Bom,
Experimente! / Laé de Souza. -- 2. ed. --
São Paulo : Editora Ecoarte, 2010.

"Coletânea de textos dos alunos participantes
do Projeto Ler é Bom, Experimente!".

1. Crônicas brasileiras - Coletâneas I. Título.

10-08010

CDD-869.9308

Índices para catálogo sistemático:

1. Coletâneas : Crônicas : Literatura
brasileira 869.9308

1. Crônicas brasileiras I. Título.

Assessoria e Produção Editorial:

G2R Comunicação

Ilustrações:

Rucke

Capa: *Marcel Guido*

Fotografia: *Sergio de Paula*

Revisão: *João Batista Alvarenga*

Agradecimento especial

Agradeço aos professores, parceiros nesta jornada de formar novos leitores. Os textos dos alunos é o resultado de um trabalho de leitura e atividades desenvolvidas, nas escolas, com a finalidade de fazê-los descobrir o grande prazer do ato de ler. E os professores são os grandes maestros, condutores dessa empreitada. Muitos me acompanharam nesses mais de doze anos de projetos de leitura nas escolas, por todos os cantos do Brasil.

Ao escritor Luis Fernando Verissimo, conhecido de todos os professores e, com vários livros utilizados no incentivo à leitura no ambiente escolar que, gentilmente cedeu um dos seus textos para fazer parte desta coletânea, o que muito nos honra.

Aos alunos, escritores, que tiveram os seus textos escolhidos para compor esta edição, primeira dos participantes do projeto “Ler é Bom, Experimente!”.

Não temos a pretensão de torná-los escritores, mas sim de fazê-los perceber que é possível discutir, compreender e reescrever um texto com a sua percepção e com nova conotação.

Interessante, que muitos dos meus personagens tiveram finais diferentes nas histórias criadas pelos estudantes. Deixou-me feliz que o Dentinho, personagem que, no texto original, sofre pela pobreza e falta de oportunidade, entra para o crime, com um resultado nefasto, tenha em muitas outras versões escritas pelos alunos um final feliz.

Também me chamou a atenção o fato de que mesmo os que atribuíram a sorte a sua mudança, o colocaram como estudante e, a partir dos estudos, tenha mudado o seu destino. Para muitos, a sua sorte foi ter encontrado a oportunidade de estudar. É sem dúvida uma grande esperança perceber que os jovens veem a educação como possível de mudar o destino das pessoas, e que só pela educação poderemos ser vencedores.

Deixa-me muito feliz que estejam comigo nesse trabalho e desejo que se tornem leitores e, também, incentivadores da leitura para que tenhamos um país melhor!

Boa leitura a todos!

Laé de Souza

Índice

-

Por autor

Laé de Souza	
Sou Escritor	09
Luis Fernando Verissimo	
A Espada	12
Ana Caroline Azevedo dos Reis	
A esperança de Dentinho	14
Antonia Isamara Dias	
Sonho realizado	16
Antônio Fagner de Freitas Teixeira	
Maluco Beleza - O herói de Maçal	17
Antonio Rodrigues de Assis Miranda	
Zé Pinguinha no céu	19
Antônio Sérgio Marques	
O estranho encontro de Jesus com Maluco Beleza, no velório ..	20
Beatriz Cristina Munhoes	
Maluco Beleza e seu novo emprego	22
Cíntia da Silva Dutra	
Os avanços da tecnologia	24
Daiane Aparecida Farias	
Luandécia e os jornais	26
Daniel Dias Pedro	
Zé Pinguinha no céu	27
Daniel Rodriguês de Oliveira	
Veia Fugitiva 2	29
Derlim Brum Júnior	
A volta por cima do... Nove!!!	31
Evandro de Souza	
Dentinho mudou	33
Everton Augusto da Silva Costa	
O julgamento de Zé Pinguinha	35
Fábio Laé	
Meu diário, minha vida	37

Fernanda dos Santos Américo	
O famoso Feio	39
Fernanda Silva Santos	
O Polvo e o Poste	41
Francisca Luciane S.S. Narciso	
Dentinho	42
Francisco Jefferson Santos da Costa	
Gracelinda: feia, tão bela!	44
Gisele de Oliveira Rissi	
O Assunto do dia!	45
Giulia dos Santos Camargo	
Se a fome não mata, pelo menos quase	46
Igor da Silva Ramos Lopes	
O mundo onde vivemos	48
Ingrid Evilin Lopes da Silva	
Sonhar... todo mundo pode	49
Isabel Saliby Maranhão	
O trauma da Izildinha	50
Isabela da Silva Pontes	
Estou voltando	52
Ivens do Carmo Costa	
Maluco Beleza no velório do Zé Pinguinha	53
Janayna de Cássia Ferreira do Prado	
Esmeraldo e o elevador	55
Joyce do Carmo Corrêa	
Luandécia, a enfermeira	56
Leonardo Araujo da Silva	
A beleza de um homem feio	58
Luana Pereira Lemos	
Luandécia	59
Maisa Cezário Veloso Silva	
O primeiro beijo de Luandécia	60
Marcella Eduarda Duarte Sousa	
José da Fala Fina	62

Marcyana de Andrade Lima	
O homem dos sonhos	63
Mariana do Carmo	
Tão diferente	65
Melissa Manriquez	
Coragem de optar pela arte - 2	67
Micheli Bourdot	
Esposa dominadora	69
Mirian Sousa de Freitas	
Maluco Beleza sobe ao paraíso ou desce às trevas?	70
Mônica Soares de Oliveira	
E agora Orlei?	72
Núbia G. B. Manoel	
Esmeraldo no avião	74
Rafaela Pupin de Oliveira	
Piloto de sonhos	76
Rafaela S. Fernandes	
Gracelinda, a velha	78
Richard Anderson Tavares da Silva	
Maluco Beleza no céu	80
Rosimeire Aparecida Albano	
Dentinho	82
Stéphanie Ames	
Maluco Beleza na balada	83
Susan Rayane de Oliveira Freitas	
O Vendedor de doces	85
Tatiane Rodrigues Gomes	
O <i>Bullying</i> (Maluco Beleza)	86
Vanessa Brito Bessa	
Maluco Beleza encontra o amor	88
Vitória Maria Eugenio Dias	
Morreu Zé Pinguinha e o mundo acabou	90
Wedina Gonçalves Fernandes	
Morreu Maluco Beleza	92

Sou escritor

Laé de Souza

Escrevia poesias, crônicas e mostrava aos amigos. Discutia, explicava-as. Mas, meu pai, ficava de cara feia, quando me via falar que seria escritor e dizia que era coisa de preguiçoso. “Imagina, ficar sentado o dia todo inventando histórias, divagando. E lá tu tens jeito pra escritor”, dizia. Sonhava-me bancário. Minha mãe completava: - Se possível do Banco do Brasil, como teu primo. Se não der, que seja do Bradesco, como teu tio, que fez carreira. - Meu destino estava traçado. Seria bancário.

Eu já me achava pronto para publicar meus textos. Meu pai, amigo do dono do jornal, poderia até facilitar, mas, certamente, não intermediaria tal coisa. E eu ficava a me imaginar falando com o seu Jovino. “Sou Luiz Antonio, filho do seu amigo Machado, e tenho umas boas crônicas para publicar. Nós agradeceríamos a publicação”. Levaria várias, ou somente uma? Cheguei a passar várias vezes em frente ao jornal e, um dia, cheguei até a porta, porém, não tive coragem de entrar para falar com o seu Jovino.

Resolvi que o melhor seria enviar pelo correio. Depois de muitas dúvidas, escolhi uma das crônicas, “Minha doce vida – Autor: Luiz Antonio **Machado**”, datilografei o texto, várias vezes, até que ficou bem diagramada e sem rebatidas. Por fim, coloquei em um envelope e mandei junto um pequeno bilhete: “Dr. Jovino, gostaria de publicar esta minha crônica no seu jornal. Sou o Luiz Antonio, filho do seu amigo Machado.” – Estava lançada a sorte.

Passado alguns dias, recebi um telegrama:

Ilmo Sr. José Luiz Machado

Tenha gentileza comparecer à redação jornal Cidade. Falar Doutor Jovino.

Recebi o tal telegrama por volta das 16h. Pensei em ir, no mesmo dia; no entanto, daria a impressão de desespero, o que talvez não fosse bom. Iria, no dia seguinte, pela manhã, e cedo, claro.

Passsei a noite pensando. Como fora bom não pedir a interferência do meu pai. Seria o cronista do jornal por méritos próprios. Mostrei o telegrama aos amigos. Fora convidado para cronista do jornal A Cidade. Enfim, o merecido reconhecimento. Relembra o telegrama: Tenha a **gentileza** – estava sendo tratado com respeito e consideração que se deve ter com um escritor. Não via à hora de chegar pela manhã.

Vesti minha melhor muda de roupas e lá fui. No caminho, ia pensando em como seria o tal contrato. Quanto seria o valor por crônica. Se ele quisesse mais, bateria o pé para ser apenas uma por semana para não ficar muito batido. Nada de exclusividade... Ao chegar, apresentei-me à secretária:

- Escritor Luiz Antonio.

- Luiz, de quê? – perguntou ela.

- Escritor Luiz Antonio – enfatizei o Escritor e pensei: será que era tão burra a fulana ou o doutor Jovino não havia falado que teriam um novo cronista no jornal?

Ela olhou de soslaio e foi até a sala do doutor Jovino.

Entrei, sentei-me e esperei que ele pedisse à moça que trouxesse um cafezinho, mas qual nada. Foi direto ao assunto. Que era muito amigo do meu pai, e que estava conversando comigo, justamente por isso. Que leu o meu texto e achou coisa de maluco, sem pé nem cabeça e que aconselhava que eu procurasse ajuda de um psiquiatra. Sem sentido e perigoso. Daí pra frente, não ouvi mais nada e só balançava a cabeça consentindo. Meus pensamentos estavam na moça, lá da recepção, que deveria estar caçoando de mim, e em uma



desculpa para dar aos amigos. Procurei e não vi outra porta, teria que passar pela tal moça. Dito e feito. Ao sair, ela me cumprimentou: - Bom dia, escritor Luiz Antonio. – Dei-lhe um xingo, bati a porta e fui pelas ruas, chutando as pedras que estavam pelo caminho.

A Espada

Luis Fernando Verissimo

Uma família de classe média alta. Pai, mulher, um filho de sete anos. É a noite do dia em que o filho fez sete anos. A mãe recolhe os detritos da festa. O pai ajuda o filho a guardar os presentes que ganhou dos amigos. Nota que o filho está quieto e sério, mas pensa: “É o cansaço.” Afinal ele passou o dia correndo de um lado para o outro, comendo cachorro-quente e sorvete, brincando com os convidados por dentro e por fora da casa. Tem que estar cansado.

- Quanto presente, hein, filho?

- É.

- E esta espada. Mas que beleza. Esta eu não tinha visto.

- Pai...

- E como pesa! Parece uma espada de verdade. É de metal mesmo. Quem foi que deu?

- Era sobre isso que eu queria falar com você.

O pai estranha a seriedade do filho. Nunca o viu assim. Nunca viu nenhum garoto de sete anos sério assim. Solene assim. Coisa estranha... O filho tira a espada da mão do pai. Diz:

- Pai, eu sou Thunder Boy.

- Thunder Boy?

- Garoto Trovão.

- Muito bem, meu filho. Agora vamos pra cama.

- Espere. Esta espada. Estava escrito. Eu a receberia quando fizesse sete anos.

O pai se controla para não rir. Pelo menos a leitura de história em quadrinhos está ajudando a gramática do guri.

“Eu a receberia...” O guri continua.

- Hoje ela veio. É um sinal. Devo assumir meu destino. A espada passa a um novo Thunder Boy a cada geração. Tem sido assim desde que ela caiu do céu, no vale sagrado de Bem Tael, há sete mil anos, e foi empunhada por Ramil, o primeiro Garoto Trovão.

- Certo, filho. Mas agora vamos...

- Vou ter que sair de casa. Quero que você explique à mamãe. Vai ser duro para ela. Conto com você para apoiá-la. Diga que estava escrito. Era o meu destino.

- Nós nunca mais vamos ver você? – pergunta o pai, resolvendo entrar no jogo do filho enquanto o encaminha, sutilmente, para a cama.

- Claro que sim. A espada do Thunder Boy está a serviço do bem e da justiça. Enquanto vocês forem pessoas boas e justas poderão contar com a minha ajuda.

- Ainda bem - diz o pai.

E não diz mais nada. Porque vê o filho dirigir-se para a janela do seu quarto, e erguer a espada como uma cruz, e gritar para os céus “Ramil!”. E ouve um trovão que faz estremecer a casa. E vê a espada iluminar-se e ficar azul. E o seu filho também.

O pai encontra a mulher na sala. Ela diz:

- Viu só? Trovoada. Vá entender este tempo.

- Quem foi que deu a espada pra ele?

- Não foi você? Pensei que tivesse sido você.

- Tenho uma coisa pra te contar.

- O que é?

- Senta, primeiro.

Texto publicado originalmente na obra:

Comédias para se Ler na escola – Editora Objetiva – Rio de Janeiro.

© by Luis Fernando Verissimo

A esperança de Dentinho

Autor: Ana Caroline Azevedo dos Reis

Professora: Ana Claudia Maciel da Silva

EMEF Osvaldo Batista Pereira

Barueri – SP

Naquele dia, Dentinho, no semáforo, pressentia que alguma coisa boa iria acontecer porque, logo pela manhã, já tinha vendido muitos doces.

O farol fechou e, a sua frente, parou um carro que tinha um homem bem vestido e um menino, no banco de trás, aparentemente, da sua idade.

Chamam-no. Dentinho foi até lá, pediram dez chocolates, e fez um belo desconto. O garoto do carro, disse ao seu pai:

- Nossa, pai, aquele menino está mal vestido, será que ele não tem mãe, pai, família?

O pai ficou surpreso, pois nunca ouviu do filho um comentário desses. Dentinho pegou o dinheiro e o menino sorriu. Em seguida, o farol abriu.

O dia se passou, Dentinho subiu o morro para voltar para casa. Chegando lá, contou o que tinha acontecido, no dia, para a sua mãe. Ela era empregada doméstica e chegou triste do trabalho.

Dentinho queria saber o que havia acontecido e ela lhe disse que não conseguiu o dinheiro suficiente para pagar as contas. Mas, Dentinho disse à sua mãe que tinha vendido muitos doces e daria para pagá-las.

No outro dia, o seu pai, que estava desempregado, foi chamado para trabalhar em uma empresa; assim, depois de um tempo, puderam comprar outra casa. Foram morar perto da casa do menino do carro. Ficaram amigos.

Agora, a vida de Dentinho é maravilhosa, pois pode estudar e brincar como qualquer criança.

Sonho realizado

Autora: Antonia Isamara Dias

Professora: Mônica da Silva

E. F. Cel. Estevão Alves da Rocha

Baturité – CE

Dentinho era um garoto que vendia balas no semáforo e todos gostavam dele, porque atendia as pessoas muito bem. Um certo dia, um médico parou no semáforo e perguntou:

- Dentinho há quantos anos você vende balas neste lugar?

- Desde os meus 10 anos. – respondeu Dentinho, já com 14 anos.

- E você acha bom este tipo de trabalho?

- Sim. Melhor do que está fazendo coisas erradas nas ruas.

- E seus pais aceitam isso?

- Meus pais já morreram e eu tenho que me virar sozinho. Não tenho ninguém para me ajudar.

Então, o médico ficou com tanta pena dele, que o levou para a casa. Chegando lá, ele tomou um banho, alimentou-se, brincou um pouco e foi dormir.

- Dentinho, você quer morar comigo? – perguntou o senhor. Ele respondeu que sim e o médico ficou muito feliz, porque ele não tinha filhos e agora ganhara um.

O médico matriculou o Dentinho no colégio para se formar e ser médico igual a ele. Dentinho estava sempre feliz por saber que, agora, tinha uma família e podia estudar e brincar.

Maluco Beleza - O herói de Maçal

Autor: Antônio Fagner de Freitas Teixeira

Professora: LÍlian Maria Alves

EMEF Francisco Sales de Carvalho

Jijoca de Jericoacoara – CE

Depois de ter sido expulso do emprego no restaurante, ‘Maluco Beleza’ foi contratado para trabalhar em um banco na cidade de Maçal. Todos que trabalhavam no banco ou eram clientes, cada um, já tinha o seu apelido (‘Gigante 2’, ‘Perneta’, ‘Touro Bravo’, ‘Xuxa Falsa 4’ etc).

“Maluco Beleza”, apesar de ter levado surras e mais surras, nunca aprendeu a lição. Pois, achava que apelidar aos outros era o seu maior estilo.

Certo dia, ‘Maluco Beleza’ estava limpando o chão do banco, quando, de repente, foi invadido por um grupo de bandidos armados que, de imediato, anunciou um assalto.

Um dos bandidos era careca, alto e forte e, ao chegar perto de ‘Maluco Beleza’, perguntou: “O que é que tu tá olhando, Galinha Nanica?” ‘Maluco Beleza’, querendo se defender, respondeu: “Tô olhando nada não, Touro Bravo!”

O bandido, imediatamente, deu um sopapo em ‘Maluco Beleza’, que caiu no chão e aproveitou para se fingir de desmaiado. Ao perceber a distração do bandido, ‘Maluco Beleza’ deu-lhe uma rasteira, pegou sua arma e falou: “Agora, é minha vez seu Madebu”.

E, nesse exato momento, os policiais entraram e prenderam

os bandidos.

Então, 'Maluco Beleza' ficou famoso pelo seu ato de coragem, e até saiu em todas as capas de revistas, com a seguinte manchete: "A Galinha Nanica vira o herói de Maçãl".

Zé Pinguinha no céu

Autor: Antônio Rodrigo de Assis Miranda

Professora: Sheila da Silva Campos

Escola de Ensino Básico Ministro Allyson Paulineli

Limoeiro do Norte – CE

Zé Pinguinha morreu e foi pro Céu com um litro de cachaça na mão. Já foi enterrado assim, por arte dos amigos, também pinguços. Quando ele chegou ao Céu, Deus lhe disse:

- O que é isso na sua mão?

Zé Pinguinha respondeu:

- É cachaça da boa!

- É proibido entrar no Céu com bebida alcoólica.

- Mas, eu estava bebendo, na hora que eu morri, meus amigos colocaram a garrafa no caixão e, por isso, que eu vim com a garrafa na mão para não desperdiçar a minha bebida.

- Muito bonito! O senhor morreu por causa da bebida e ainda quer continuar cachaceiro mesmo depois da morte?

- Senhor, vamos deixar esse assunto de lado e ir para o que interessa. Eu vou ser salvo ou não?

- Eu vou deixar entrar porque não quero que nenhum filho meu vá pro inferno.

E, assim, Zé Pinguinha entra no Céu e, segundo dizem, transformou-se em anjo protetor dos cachaceiros e, por isso, os pinguços jogam um trago no chão e dizem que é pro Santo.

O estranho encontro de Jesus com Maluco Beleza, no velório

Autor: Antônio Sérgio Marques

Professora: Maria Helena Muniz Rocha

E. E. M. São Francisco da Cruz

Cruz – CE

Era uma noite normal e serena, Ciro cochilava tranquilamente, no velho sofá da sala, e dona Marieta não tirava os olhos da TV. Ela assistia a sua novela, quando, de repente, o telefone toca. Dona Marieta, de olhos pregados na televisão, dá um empurrão no filho, que acorda assustado como quem tivera um pesadelo. Ainda meio confuso e com sono, olha para a mãe, que fala zangada:

- Ô Ciro, atende logo este telefone, que eu não consigo assistir a minha novela com este barulho!

‘Maluco Beleza’ correu para atender ao telefone, pois sabia que, quando a mãe lhe chama pelo nome e não pelo apelido, é porque a coisa é séria mesmo.

- Aí mãe, é para você!

- Quem é? - Pergunta dona Marieta.

- É o ‘Cabo de Vassoura’, aquela sua amiga.

Dona Marieta olha para o filho como quem não gostou do jeito que ele apelidou a amiga. Pega o telefone e logo reconhece, pela voz da amiga, que algo muito ruim aconteceu.

Dona Julieta chorava desesperada, coitada. Também, não era para menos. Ligou para avisar da morte de seu filho mais novo em um acidente de carro.

O ‘Maluco Beleza’ não gosta muito de velórios, mas foi até lá arrastado pela mãe até a casa de Dona Julieta. O ambiente é de tristeza total, com choro para tudo quanto é lado.

Dona Marieta consola a amiga, enquanto ‘Maluco Beleza’ tenta controlar, mas não consegue olhar para alguém, sem lhe por um apelido.

Era “Chorão”, “Desesperado 74”, “Kiko falso 17”, “Tiririca”, “Zé do Caixão” e sempre retornava o olhar para um homem estranho de cabelos e barba grandes, que vestia uma roupa esquisita e já tinha sido apelidado pelo ‘Maluco Beleza’ de “Cabeludo da Moda Antiga”.

O homem, irritado com aquelas olhadas de ‘Maluco Beleza’, vai até ele com o olhar de quem leu o pensamento e não gostou.

Vendo a cara de assustado de ‘Maluco Beleza’, o homem olha para ele e fala com sinceridade:

- Não se assuste, sou Jesus e já voltei! Estou de volta para levar os puros e dizimar os pecadores. Como ‘Maluco Beleza’ não acredita, desafia Jesus:

- Se tu és Jesus, então, ressuscita o “Esqueleto Arreventado” aí e me coloca no lugar dele, “Cabeludo a Moda Antiga”.

Jesus sabia que ‘Maluco Beleza’ estava brincando, mas vendo sua falta de fé, resolveu realizar o seu pedido. Para surpresa de todos, com um piscar de olhos, Jesus colocou ‘Maluco Beleza’ no lugar do morto que, no mesmo instante, saiu andando entre os vivos.

Jesus, então, avisou a todos que se preparassem para o fim do mundo, que já estava bem próximo e, em seguida, partiu para o Céu, onde encontrou ‘Maluco Beleza’ que se ajoelhou, rapidamente, aos pés implorando:

- Não me mate, não me mate, por favor não me mate!

Maluco Beleza e seu novo emprego

Autora: Beatriz Cristina Munhoes

Professora: Alzira Donizeti da Luz

EMEF. Prof^{ta} Marina Aparecida R. Paschoalotti

Mogi Guaçu – SP

Ciro, mais conhecido como ‘Maluco Beleza’ por causa da sua mania de apelidar os outros, foi demitido do seu emprego de garçom. Mas, como ele era simpático e muito divertido, o amigo do primo de seu tio conseguiu outro emprego para ele, como entregador de pizzas, em uma pizzaria nova, não muito conhecida.

Seu salário não era fixo. Ele ganhava comissão por entrega, por isso, andava a 110 km por hora, com sua lambretinha, para entregar as pizzas, o mais rápido possível e ganhar mais dinheiro.

Devido a esses fatos, sempre havia problemas, pois, na maioria das vezes, as pizzas estavam sem recheio de um lado, com mais recheio do outro, e assim por diante.

Um dia, foi entregar pizza na casa de um homem chamado Ricardão, que já havia sido apelidado por ele de ‘Maguila 5’. Quando ele viu a pizza disse:

- Ei, entregador! O que é isso aqui hein?
- Sua pizza, ora essa!
- É melhor você me arrumar outra pizza, senão vai se arrepender!
- Olha aqui, ‘Maguila 5’, você é grande, mas não é dois!

Muito nervoso, Ricardão jogou sua pizza no chão e deu um soco na cara do ‘Maluco Beleza’.

Ele pegou sua lambretinha e voltou para a pizzaria com o olho roxo. Seu chefe perguntou:

- O que aconteceu, Ciro?

- Nada, não chefe! Vou continuar entregando pizzas, só que no máximo com um patinete!

Os avanços da tecnologia

Autora: Cíntia da Silva Dutra

Professora: Rosângela Meira de Oliveira

Colégio Municipal Alcides Cordeiro

Condeúba – BA

Em Um belo dia, Jesus pensou e disse:

- Vou descer a Terra para ver como está tudo por lá.

Jesus, ao retornar ao nosso planeta, pegou um burrinho e foi andando. Quando entrou na cidade, o povo começou a rir, então, ele disse:

- Sou Jesus, porque estão rindo de mim? - As pessoas não ligaram e Jesus ficou sozinho, pensando no que tinha feito de errado.

Então, o Grande Mestre foi seguindo pela cidade e encontrou um velho senhor cego que lhe disse: Senhor, Senhor, me ajude. Eu não enxergo, mas sei quem Você é.

O Mestre parou, tocou nos olhos do pobre velhinho e, de repente, o homem conseguiu enxergar. Pulou de alegria, mas o velho senhor viu que Jesus, o seu grande Mestre, não estava bem.

Então perguntou:

- O que o senhor tem Mestre? - Jesus respondeu:

- Cheguei aqui na Terra montando no meu burrinho e todos começaram a rir, não entendi o porquê disso.

O homem explicou:

- Eu sei o motivo. Com a tecnologia, mudou tudo. Agora,

não existe essa de andar a cavalo ou de burro. O avanço tecnológico facilitou. Hoje, temos carros, aviões, motos, computadores, Internet. Eu não enxergava, por isso não usava, mas agora vamos que estou curioso para ver como é essa coisa.

No Céu, Pedro estava preocupado porque Jesus lhe disse que iria só dá uma olhada e estava demorando a voltar. Assim, resolveu descer a Terra. Quando chegou, viu o seu Mestre mexendo no computador. Pedro não acreditou.

O Mestre cochichou no ouvido de Pedro que estava vendo como funcionava para que, no próximo ano, levassem a tecnologia para o Céu.

Luandécia e os jornais

Autora: Daiane Aparecida Farias

Professora: Teresinha Fachim Pilon

E.E.B. Urbano Sales

Frei Rogério – SC

Luandécia era empregada da família Gomes há cinco anos e, nas horas vagas, ajudava o seu sobrinho Antonio a vender jornais.

Uma tarde, quando estava de folga, Luandécia saiu para vender os jornais como de costume. As vendas não estavam muito boas e o cansaço tomou conta da pobre, que resolveu sentar-se em uma praça e acabou dormindo e sonhando.

Sonhou que havia ido vender jornais no Céu e que os oferecia a todos os santos, mas nenhum queria comprá-los. Nenhum tinha interesse pelas notícias deste mundo.

E já estava resolvida a descer, quando o Arcanjo Gabriel se aproximou e ofereceu-se para ajudá-la a vender os jornais. Ela entregou todas as folhas ao Arcanjo e este partiu pelo Céu a atirar as folhas para todos os lados.

A cada folha atirada, apanhava algumas estrelas como pagamento. Luandécia já havia contado dezoito mil e quatrocentos em estrelas.

De repente, sentiu que todo o Céu se iluminava. Remexeu-se no banco e acordou. Procurou o pacote de jornais que havia posto ao lado, antes de adormecer, e não havia mais nada. Procurou em volta e, para sua surpresa, numa esquina, havia um monte de jornais que foram arrastados pela ventania.

Zé Pinguinha no céu

Autor: Daniel Dias Pedro

Professora: Maria de Lourdes F. Miguel

EMEF Profª. Márcia Helena M.F. Risola

Mogi Guaçu – SP

Após uma morte súbita, Zé Pinguinha encontrava-se em um lugar lindo.

Ele andou um pouco e encontrou um homem na frente de um imenso portão. Ao solicitar a entrada, o homem lhe perguntou:

- Por que devo lhe deixar entrar no Céu?

Zé Pinguinha falou:

- E por que não entrar aí?

- Porque aqui só entram as pessoas bondosas.

- Então, é pra mim mesmo! - Disse o Zé Pinguinha.

O homem, que era um anjo, ficou perguntando e o Zé Pinguinha só enrolando. Até que o anjo tomou uma decisão.

- Você não vai entrar!!!

- Ah! Por que não? Eu vou ficar tão triste se você não me deixar entrar.

E, então, o Zé Pinguinha sentou-se na frente do portão do Céu e começou a chorar feito uma criancinha.

O anjo, não aguentando mais aquele choro impertinente, disse:

- Entre logo e veja se para de chorar!

Ao entrar naquele paraíso, o Zé foi até Deus e disse:

- Cadê a pinguinha pra nois bebê?

Então, Deus lhe respondeu:

- Meu filho, aqui é um lugar santo, não temos pinga.

Zé Pinguinha, ao ouvir aquilo, falou:

- O quê? Ah não! Eu vou embora desse lugar!

Então, Zé Pinguinha saiu do céu e voltou à vida terrena e diz que nunca mais quer morrer.

Veia Fugitiva 2

Autor: Daniel Rodrigues de Oliveira

Professora: Maria Luiza de B. Zeferino

EMEB Tomoharu Kimbara

Valinhos – SP

Quinze dias depois, voltei ao médico e, para minha tristeza, ele me pediu um exame de sangue. Então, disse a ele a história da Izildinha, uma enfermeira que acha a veia a qualquer custo.

Quando cheguei ao lugar do tal exame, uma enfermeira apareceu e me levou numa sala para tirar meu sangue; logo depois, a enfermeira avisou:

- Senhor, não estou encontrando a danada da veia.

Eu, com medo de que chamassem a tal da Izildinha, pedi:

- Por favor, tenta de novo, você vai encontrar!

Quando a enfermeira estava quase desistindo, a veia apareceu, porém, rapidamente, sumiu. A enfermeira, já com raiva, disparou:

- Espera que eu vou chamar a outra...

Sem que ela terminasse, retruquei:

- Não, por favor a Izildinha não!

Ela, com estranheza, explicou:

- Aqui, não tem nenhuma Izildinha.

Como eu já estava paranóico, desabafei:

- Você está querendo me enganar, a Izildinha está aí sim, eu sei, mas ela não vai me pegar!!!

Sem demorar e achando que Izildinha estava ali mesmo, sai correndo e derrubando tudo pela frente, até que bati em uma parede e apaguei.

Quando acordei, estava em um hospital e havia uma enfermeira ao meu lado.

Perguntei-lhe seu nome. Vocês nem imaginam:

- Izildinha.

Então, quase chorando, gritei:

- Izildinha nãooooooooo!!!

A volta por cima do...Nove!!!

*Autor: Derlim Brum Júnior
Escola Estadual Rui Barbosa
Professora: Gilcimar Nolasco
Pedro Leopoldo – MG*

Depois de anos e anos sem bater aquela bolinha, eu já estava com saudade. Apesar de ser muito ruim, animei o jogo no time da cidade.

Fomos disputar a “Copa da Cidade” daquele ano. E eu sequer fui inscrito no torneio e dava graças a Deus.

Só que, durante as primeiras partidas, o ‘camisa nove’, o tal do matador, machucou-se e quem teve que entrar em campo? Quem? Quem? Eu e com a camisa nove!!!

Até que a coisa caminhou bem, pois chegamos à final, um jogo com o estádio lotado, bandeiras e, com o principal, o troféu do campeão.

O jogo começou e, como sempre, eu estava no banco de reservas. De cara, tomamos dois gols. O primeiro tempo terminou e, no segundo tempo, o treinador resolveu me pôr no jogo.

Isolado, como disse, só para empurrar a bola para o gol.

Nosso time entrou disposto a virar a partida e conseguimos o empate.

O tempo passava, passava e passava, nada de encostar na bola. Mas, aos 45 minutos de jogo, uma falta perto da área para nosso time.

A responsabilidade era minha, o que resolve... o matador...um verdadeiro camisa nove!!!

Quando a falta foi cobrada, ela veio em minha direção tão forte, tão forte, que não tive coragem e virei às costas de medo, mas a bola bateu nas minhas costas e entrou para pro gol!!!

Era o gol do título, fomos campeões da cidade e com um gol nota dez, opa, quer dizer nota nove!

Dentinho mudou

Autor: Evandro de Souza

Professora: Célia Teresinha H. Kalinoshi

Escola de Educação Básica Jovino Lima

Mafrá – SC

Dentinho era um menino que tinha tudo o que queria, nas mãos. Morava na grande mansão com os seus pais, tinha todos os brinquedos que um menino da sua idade sonhava em ter. Mas, mesmo tendo todas as coisas, Dentinho não era feliz porque, dificilmente, conseguia conviver com seus pais.

Os pais de Dentinho eram muito ocupados em seus trabalhos, pois só pensavam em ganhar cada vez mais dinheiro. Dentinho tinha poucos amigos, mas nenhum era especial.

Tudo o que ele mais queria na vida era ter amigos de verdade, alguém sincero em quem ele pudesse confiar, pois os que se aproximavam dele eram interesseiros e só se diziam amigo por causa do dinheiro.

Certo dia, Dentinho resolveu fugir de casa. Deu um jeito de escapar de seus seguranças. Ele queria ver como era o mundo daqueles que não tinham dinheiro. Dentinho chegou a uma comunidade pobre, bem diferente do bairro, onde ele e sua família viviam.

Nesse lugar simples, vários garotos da sua idade o convidaram para brincar. Dentinho, meio com medo, aceitou. Naquele dia, ele fez vários amigos de verdade, tanto que nem viu o tempo passar de tão bom que estava.

Na casa de Dentinho, seus pais estavam preocupados, pois não sabiam onde ele estava. Assim, mandaram todos os

seguranças procurá-lo pelas ruas da cidade. Já era noite, quando os seguranças voltaram com o garoto.

Dentinho, mesmo com muito medo de seus pais, estava muito feliz, pois, naquele dia, ele pode perceber que não precisava de dinheiro para ter amigos de verdade. Também estava feliz por ver que seus pais se preocupavam com ele.

Depois daquele dia, Dentinho começou a se dedicar a ajudar os mais pobres, construiu hospitais e escolas nas comunidades pobres, pois era ajudando as pessoas que Dentinho se sentia feliz.

O julgamento de Zé Pinguinha

Autor: Everton Augusto da Silva Costa

Professora: Luciana F.S. Horvath

E.E Antônio Raposo Tavares

Osasco – SP

Zé Pinguinha acorda com fortes dores de cabeça, em um lugar escuro e frio, e logo se depara com um homem vestido todo de preto segurando uma foice. Zé Pinguinha se aproxima do homem e pergunta:

- Onde eu estou?

E o homem responde:

- Você está no meu mundo.

Zé Pinguinha começa a dar altas gargalhadas e diz ao homem.

- Seu mundo. Eu acho que não sou o único aqui que bebe.

Ah, claro, prazer, meu nome é Zé Pinguinha e o seu?

- Meu nome é Morte.

- Ah tá, você é a Morte? Eu, eu sou quem, então? O diabo?

E a morte responde friamente:

- Não, você é um morto à espera de seu julgamento.

Zé Pinguinha começa a ficar preocupado e ordena, como se pudesse mandar:

- Para de brincadeiras e me leva para casa, agora!

- Eu não posso. Como eu disse você está morto!

- Como assim, morto? Como eu vim parar aqui?

- Escuta, pare de fazer perguntas tolas, daqui a pouco um anjo virá te buscar.

Nisso, uma luz muito forte se abre ao lado da morte.

- É a sua hora. Diz a morte, apontando para a luz.

Um anjo aparece, no meio da luz, e estende a mão para o Zé Pinguinha, e diz:

- Está pronto para tomar o cálice da verdade, filho?

Zé Pinguinha logo responde:

- Pra quem já bebeu as mais fortes pingas do Brasil, isso daí vai ser moleza.

Meu diário, minha vida

Autor: Fabio Laé

Eu sou a gordinha mais desejada e admirada por todos os homens. Se bem que têm algumas mulheres puxando uma palhinha pra cima de mim.

Ainda não sei bem como lidar com essas garotas. Mulheres se apaixonando por mim me parece ser uma nova fase, neste planeta, onde ninguém acha nada de estranho, e tudo é válido e normal. Elas me elogiam, dizem que me adoram e, ao mesmo tempo, me batem; mas isso faz parte do jogo.

Outras, ao contrário, são indiferentes. Mas umas e, agora alguns homens, têm um ciúme terrível de mim. Já ouvi falar que fui motivo de muitas separações entre casais, pois não suportaram minha onipotência sobre o seu parceiro.

Ah, me usam e colocam apelidos. É, Rebimboca da Chapeleta, Gorduchinha, Redonda, Bexiga, Coisa e os mais ousados, Pelada. Mas, homens são todos iguais mesmo. Acreditam, vocês mulheres, que eles são capazes de me usar, abusar e fazer de conta que nem me conhecem? Eles vão me envolvendo, como se não quisessem nada, conversa daqui, joga pra lá, pega mais embaixo, recua um pouquinho e, quando concluem, correm para o abraço com os amigos e me deixam só.

É terrível vê-los, ao concretizarem sua meta, clamar o nome de outro, um tal de Gol, que não gosto nem de pronunciar. É por isso que minha jogada favorita é ir para fora na hora do pega pra capar. De vez em quando e, sempre que possível, bato num tal de montinho e desvio, fazendo o que quero.

Acho que tenho direito de decidir, já que sou eu quem apanho o tempo todo. Jogam a culpa no montinho. Mal sabem que quem decidiu o resultado foi eu, a Bola.



O Famoso Feio

Autora: Fernanda dos Santos Américo

Professora: Romilda Cormasséllo de Faria

Instituto E. E. Professor Osmar Poppe

São Luis Gonzaga – RS

Desde pequeno, chamam-me de “Feio”. Minha mãe, meu pai, os 7 irmãos, professores, vizinhos e até mesmo quem não me conhece direito. Nem preciso explicar o porquê do apelido, você já deve ter entendido a minha situação.

Cresci ouvindo que a beleza não é fundamental, o que vale é a beleza interior, mas não é verdade. Quem vai querer um modelo feio? Ou um vendedor desajeitado?

Tudo bem que todos têm direitos iguais e que cada um deve ser aceito do jeito que é, mesmo sendo um desajeitado e feio. Na verdade, eu estou aqui para mostrar que o ‘feio’, como me chamam, tem muita capacidade.

Eu já joguei em três escolinhas de futebol e, numa delas, eu fui motivo de gozação por vários anos. Um dia, em um torneio de futebol na cidade, um senhor se aproximou e disse:

- Olá! Seu nome é Esmeraldo, o tal do ‘Feio’?

- Sim, sou eu. – respondi, estranhando ser chamado pelo meu nome verdadeiro.

- Então, é com você mesmo, venha comigo?

Eu fui. Acreditam que ele era o treinador de um reconhecido time de futebol? Sim, ele era. Conversamos um pouco e ele me convidou para fazer um teste no time. Eu, claro que aceitei!

Cheguei aos meus amigos, no dia seguinte:

- Dente, Lengo, Fábio, fui chamado para jogar no timão!
E eles responderam:

- Você? O 'Feio'? Mas, nós somos bonitos e fortes não fomos chamados.

Está aí a prova de que os feios também são gente. Pergunta pro seu vizinho, fanático por futebol, quem é o 'Feio'. Ele sabe quem sou eu!

Feios, vocês têm potencial!

O Polvo e o Poste

Autora: Fernanda Silva Santos

Professora: Juliana Zanco Leme da Silva

E.E Professora Ângela Maria da Paixão Costa

Mogi Guaçu – SP

E lá estava o ‘Maluco Beleza’ de novo. Ele, e a sua mania de colocar apelido em todos. Nem a sua namorada escapou disso. Sempre que a via, ele pensava “lá vem a Magrela”.

Certo dia, eles estavam passeando. Era aniversário de namoro, ele a levou para um restaurante. Chegou o garçom para pegar os pedidos, ele logo imaginou: “Um Poste. Alto e magro. É, sim, um poste!” Eles pediram a comida, e o ‘Maluco Beleza’ começou a rir.

- Ciro, você está bem? - perguntou a namorada.

- Sim, estou – ele respondeu e parou de rir.

Chegou o garçom, novamente, dessa vez com o prato solicitado. Porém, estava intragável. Então, Ciro pediu para chamar o cozinheiro.

Alguns minutos depois, o cozinheiro, imediatamente, ganhara o apelido de ‘Polvo’, por causa da longa barba branca. O cozinheiro disse que não poderia fazer nada, só havia aquela comida.

A namorada, então, estressou-se com Ciro por causa do mau atendimento do restaurante. Ele disse:- Calma Magrela, não precisa se estressar por causa de um polvo e de um poste!

A namorada olhou furiosamente para ele e foi embora. Ciro fez uma longa corrida para a casa, pois havia um poste e um polvo em disparada atrás dele.

Dentinho

Autora: Francisca Luciane Soares dos Santos Narciso

Professora: Paula Carpeggiani

E. E. F. Cel. Estevão Alves da Rocha

Baturité – CE

Davi, mais conhecido por Dentinho, morava com a mãe em um subúrbio do Rio de Janeiro, em uma favela que saía nos noticiários policiais, devido aos constantes tiroteios e apreensão de drogas.

Sua mãe, por ser muito religiosa, rezava sempre para o seu único filho não entrar naquela vida de perdição. Ele trabalhava dia e noite, pelas ruas, pedindo ajuda para cuidar de sua mãe, que estava separada do marido e era portadora de uma doença degenerativa. Isso dificultava os seus movimentos.

Dentinho era um bom garoto, pois gostava de ajudar as pessoas e todo dinheiro que ganhava tinha destino: as despesas e alimentação de sua casa.

Mas, as pessoas invejavam a vida de Davi que sempre ajudava sua mãe e, mesmo estando com 16 anos, não tinha entrado num caminho sem volta.

Sempre recebia propostas tentadoras para vender drogas, mas os conselhos que sua mãe lhe dava tiravam essa história de sua cabeça. Assim, esquecia-se disso e voltava à vida dele, pobre, mas feliz.

Todavia, quando pensamos que o destino de Dentinho fadado ao fracasso, sua sorte começou a mudar. Devido a contínuas operações da Polícia Militar, no morro onde ele morava, os traficantes abandonaram a favela. Sua mãe

começou um tratamento, ficou recuperada e passou a trabalhar como doméstica para ajudar nas despesas.

Dentinho até voltou a estudar e, anos depois, entrou em uma boa faculdade pública e se formou. Tornou-se um grande médico e, agora, ajuda as pessoas carentes das comunidades pobres do Rio de Janeiro.

Gracelinda: feia, tão bela!

Autora: Francisco Jefferson Santos da Costa

Professora: Izabella Oliveira

Escola Municipal Adélia Carvalho Sodré

Ipixuna do Pará – PA

Havia uma garota chamada Gracelinda que, por ser feia, não gostava de ninguém e, pelo que parecia, nem dela mesma. Era uma garota vítima de críticas e gozações. Todos os dias, perguntava para si mesma:

- Quando será que eu vou me tornar bonita? - Até que em um desses dias, Gracelinda fez um pedido a uma estrela. No mesmo momento, como num passe de mágica, ela deixara de ser feia, tornando-se uma mulher com beleza extremamente rara.

Gracelinda tornou-se uma mulher desejada por uns e odiada por outros. Porém, ficou mais madura e descobriu que a beleza que havia brotado era a mesma que estava escondida no seu interior.

A cada dia que passava, a vida lhe revelava novas surpresas e alegrias. Gracelinda passou a aconselhar quem chegava perto dela e se achava feia:

- Precisa de uma dica? Quebre o espelho e olhe para dentro de você!

O Assunto do dia!

Autora: Gisele de Oliveira Rissi

Professora: Rita de Cássia Damaglio

EMEF Professora Rita de Cássia G.S. Cola

Mogi Guaçu – SP

Em uma tarde, eu estava na casa de minha bisavó com minha prima Isabela e a Luandécia, que estava cuidando de nós. Quando estávamos voltando da casa da minha bisavó, perguntei para Luandécia se eu e a minha prima poderíamos apostar corrida até chegarmos a nossa casa.

Luandécia disse que podíamos, mas que devíamos tomar muito cuidado. Nós, então, resolvemos começar a corrida, passamos a primeira casa, eu estava em primeiro lugar, chegamos à segunda casa, Isabela passou a minha frente.

Aí, quando chegamos à terceira, eu estava quase ultrapassando minha prima, mas tinha um papelão no chão, passei correndo por cima dele e, de repente, tum... Eu caí dentro de um buraco. Nisso, fiquei com uma perna dentro e outra para fora. Desesperada, comecei a gritar por socorro. Quando chegaram, eu estava tentando sair do buraco, Luandécia chegou e me tirou.

Depois que fui embora tomei banho, comecei a chorar, pois estava com medo de Luandécia contar para os meus pais.

Quando meus pais chagaram o meu tombo foi o assunto do dia. Eles começaram a rir!

Depois, deles recuperarem o fôlego, minha mãe me contou que, naquele buraco, passava esgoto. Novamente todos voltaram a rir.

A partir daquele dia, nunca mais desci nenhuma rua apostando corrida com ninguém.

Se a fome não mata, pelo menos quase

Autora: Giulia dos Santos Camargo

Professora: Alzira Donizete da Luz

EMEF Professora Marina Aparecida R. Paschoallotti

Mogi Guaçu – SP

‘Maluco Beleza’ estava no metrô indo para seu novo emprego, quando se lembrou que não havia comido nada. Resolveu, então, fazer uma boquinha no restaurante mais próximo:

- Garçom, por favor.

Esmeraldo se aproximou de ‘Maluco’. Parecia nervoso:

- Pois não, senhor?

- Quero uma “Ajudinha”

- Ajudinha?

- É, cardápio, apelidei-o de ajudinha, porque ele nos ajuda a escolher o prato.

- Senhor, o cardápio está na mesa.

- Oh sim, sim.

Indicando com o dedo, ‘Maluco’ Pediu uma porção de salaminho, filé de frango e um suco natural. O garçom anotou os pedidos e se foi.

Enquanto esperava, ‘Maluco’ apelidou o garçom de “Marcha Lenta”, uma mulher ao lado de “Vaca Mansa” e, assim seguiu, “Pingüim”, “Fresurento”, “Chatilda”, “Chapinha 180” e “Dentuço 31”.

Quando Esmeraldo chegou com os pedidos, ‘Maluco

Beleza' colocou o guardanapo enroscado no pescoço. Ainda saboreando sua comida, ele sentiu um gosto ruim na boca, entendeu que era a última garfada e falou em voz alta:

- Alguém mais sentiu um gosto ruim na comida? - Ninguém respondeu, só olharam.

- Você, "Vaca Mansa", sentiu o gosto ruim? – continuou 'Maluco Beleza'.

- Do que você chamou minha namorada? – Gritou o 'Maguila 3', levantando-se...

- Meu nome é Luandécia - retrucou a "Vaca Mansa".

- Está tirando sarro das gordurinhas charmosas da Lulu?

- Óh, querido! - Encantou-se ela.

- Não senhor, as gordurinhas dela são tão charmosas quanto as suas 'Maguila 3'.

Pronto, 'Maluco Beleza' estava morto.

- É você de novo? Pensei ter dado uma lição em você no metrô. - Falou o 'Maguila 3', reconhecendo o 'Maluco Beleza'.

Preciso contar o fim? 'Maluco' apanhou de 'Maguila', levou um tapa de Luandécia, perdeu o emprego por ter faltado sem avisar, e só ganhou uma coisa:

Saiu do restaurante sem pagar, pois foi direto pro hospital, ganhando um gesso nas pernas e braços.

O mundo onde vivemos

Autor: Igor da Silva Ramos Lopes

Professora: Verônica Aparecida Luiz

E.E Engenheiro Mario Sales Souto

Carapicuíba – SP

Como todos os dias, acordo, arrumo a casa, e vou para rua. Lá, vejo a rua suja e tudo poluído, nada de verde! Nada de natureza.

Olhando aquilo, resolvi tomar uma atitude que poderia ajudar em muito a população. Fui com um cesto de lixo pegando todos os papéis que estão no chão, andei, andei e logo o cesto ficou cheio.

Peguei outra sacola de lixo e andei por todo o bairro. Olhando o bairro limpo, até fiquei satisfeito, resolvo voltar para casa. Chegando lá pensei porque todo mundo não poderia ser assim ajudando a viver em um lugar melhor, limpo e feliz.

No dia seguinte acordei, arrumei a casa e fui para rua, lá vi que todo meu trabalho, do dia anterior, foi por água abaixo. Vi toda rua suja com mais papéis do que no dia anterior. Aí, parei e pensei assim: O mundo em que vivemos está cada dia mais perdido.

Sonhar... todo mundo pode

Autora: Ingrid Evilin Lopes da Silva

Professora: Maria Aparecida Batista de Lima

E.E. Reverendo Irineu Monteiro de Pinho

São Paulo – SP

Nem sempre os nossos sonhos se tornam realidade. Porém, todos podem sonhar. Muitas crianças, jovens, adultos sonham em ter uma vida melhor, como Dentinho que também, quando criança sonhava em ter uma vida melhor; mas, infelizmente, nunca foi possível conquistar nada.

Entre muitas outras crianças que sonhavam com brinquedos, etc, Camila não era diferente. Camila tem 11 anos e, desde os seus 6 anos de idade, ela morava nas ruas da cidade de São Paulo. Camila não sabe, ao certo, o que aconteceu com seus pais. Ela só sabe que não os tem. Com esse fato, o maior sonho dela era conhecer seus pais. Sonho praticamente impossível de se realizar.

Por morar na rua, Camila sofria muito na vida. Apanhava, era ofendida. E mais um dos milhares de sonhos que ela tinha, era ter uma casa para passar a noite protegida de pessoas más, do frio, da chuva.

Camila dormia toda noite com medo de não acordar. Mas, o dia amanhecia e ela, mais uma vez, com fome e com o sonho de que, na próxima manhã, fosse possível tomar um café da manhã. Essa pobre menina só tem apenas 11 anos, tem uma vida inteira pela frente, muita força de vontade, muita esperança e, além de tudo, muitos sonhos para serem realizados.

O trauma da Izildinha

Autora: Isabel Saliby Maranhão

Estava nervoso com a ideia de voltar àquele laboratório para refazer meus exames. Olhei para as paredes, brancas, e senti o familiar cheiro de remédio. Da última vez, a enfermeira teve problemas para conseguir espetar minha veia e, com a minha reclamação, chegou a até ameaçar chamar uma tal de Izildinha. Aquele tipo de enfermeira que não desiste nunca. Finca a agulha no braço e não tira até achar a veia. Nunca tive problemas com exames de sangue, eles nunca me doíam; mas, da última vez, acreditem se quiser, foi terrível.

Depois daquele dia, fiquei meses tendo pesadelos com a tal da Izildinha, que nem conheci. Acordava suando frio, pensando na enfermeira procurando insistentemente a veia.

Após o incidente, sempre que algum médico sugere um exame de sangue, arranjo uma bela desculpa e fujo do consultório. Eu, correr o risco de ver a Izildinha? Tô fora!

Minha esposa não era besta e sabia muito bem qual era o problema. Ela tentava me ajudar, mas após um tempo ficou impaciente com minha repulsa aos exames e forçou-me a vir aqui hoje.

“Como posso ajudá-lo?” perguntou a moça da recepção educadamente, quebrando minha linha de pensamento.

“Tenho um exame marcado”. Após dizer-lhe meu nome e a hora de minha consulta, a secretária direcionou-me à sala de espera.

Não devo ter esperado muito mais de seis minutinhos, quando uma senhora, perto dos seus 70, com avental branco,

chamou meu nome. Já estava de boca aberta, pronto para responder, quando, com o canto do olho, foquei no crachá da enfermeira. E, adivinha, só? Izildinha.

Ela não se parecia com quem eu imaginava, em meus sonhos, e certamente não tinha maldade no coração, um amor de pessoa, talvez. Poderia não ser a mesma mulher.... mas tive medo de arriscar.

Continuei sentado e ouvindo-a chamar: Sr. Anesbal, Sr. Anesbal. Eu, nem aí, como se não fosse comigo. Numa dirigida dela à recepcionista, fui saindo de mansinho e fui-me embora.

Chegando em casa, fui logo colocando um band-aid, no braço, para disfarçar. Minha esposa me perguntou como fora o exame. Sorri e disse que tinha ido tudo muito bem. Menti, sim, com receio dela me fazer retornar ao laboratório e me ver frente a frente com a Izildinha, que sei lá se é bondosa ou não.



Estou voltando

Autora: Isabela da Silva Pontes

Professora: Eunice de Araújo Salmazo

E. E. Joaquim Antônio Pereira

Fernandópolis – SP

Bom, eu sou Jesus e estou mandando essa carta para vocês. Por que Jesus mandaria uma carta para a humanidade? Ainda não vou dizer. Primeiro, quero contar como as coisas estão aqui em cima.

Está tudo de vento em popa. Felipe e Marcos estão superfelizes, eu ainda não sei o porquê, mas vou descobrir. Papai, vocês os chama de Deus, né? Então, ele está com gripe, mas logo vai melhorar. Agora, vou ao assunto que tanto quero compartilhar.

Eu vou voltar!!! É isso mesmo. Vou descer e dar uma olhada nas coisas. Papai tem recebido orações demais, estou preocupado. O que vocês tem feito? Eu morri à toa naquela cruz? Ah pessoal, não faz isso, vocês me deixam triste. Está tendo muita violência, muita corrupção, falta de educação.

Gente, o amor tem que reinar aí, na Terra, se isso não acontecer, vira esse caos que está. Por favor, eu estou descendo e quero que vocês acreditem em mim.

Ah, quero ficar na casa da Joana Siqueira. Ela tem uma piscina enorme.

Jesus

Maluco Beleza no velório do Zé Pinguinha

Autor: Ivens do Carmo Costa

Professora: Rosa Maria Ramos

E.E. Antonio Raposo Tavares

Osasco – SP

Mais um dia triste no bairro. Corria a notícia dando conta que Zé Pinguinha tinha morrido e todos ficaram paralisados, não acreditavam naquilo.

Não demorou muito e já tinham marcado o velório. Ficou fechado o bar que ele frequentava (Copo Sujo), apelido que ‘Maluco Beleza’ tinha posto ao boteco e colocado uma plaqueta com o local e o horário.

O bairro em peso compareceu, até fretaram um ônibus para levar o pessoal, mas entre todas aquelas pessoas tinha um convidado ilustre, o Maluco Beleza.

Todos muito tristes e o ‘Maluco Beleza’ em ação, chorando por seu amigo Zé Pinguinha (apelido dado por ele), e apelidando todo mundo. Ele ficava cochichando com o moço do lado: “Olha lá! O ‘Maracujá de Gaveta’ está dando suco” – falando sobre a mãe do Zé.

Bêbado, o cara ao lado, já estava ficando irritado com o Carlos. (Você deve estar se perguntando, quem é Carlos? Eu te respondo: é o nome do ‘Maluco Beleza’, que ninguém sabia, mas eu sei)

Carlos viu outra senhorinha chorando e não resistiu. Já pensou num apelido para a coitada e, não aguentando, disse

para o moço ao lado:

- “Olha lá aquela velha, é a Dercy depois da pneumonia”.

O moço lhe olhou com uma cara de raiva e disse:

- “A Dercy, depois da pneumonia, é minha mãe, seu vagabundo!”

Não deu outra! O bêbado partiu pra briga e deu uma surra no ‘Maluco Beleza’.

Não tinha Jesus que o salvasse daquela vez. Ele teve sorte e só ficou com alguns hematomas, porque agora poderia estar sendo o velório dele!

Esmeraldo e o elevador

Autora: Janayna de Cássia Ferreira do Prado

Professora: Ana Carina dos Santos Moraes

E.E.Profª Olga Chakur Farah

Salesópolis – SP

Esmeraldo tinha uma entrega para fazer em um prédio. Quando chegou lá, apertou o botão do elevador, pois o apartamento que deveria entregar a comida era o último e ficava no 12º andar. Como o elevador não vinha, perguntou para o homem ao seu lado:

- Esse elevador funciona?

O homem respondeu:

- Às vezes!

Esmeraldo resolveu ir pela escada, pois a comida não poderia chegar ao cliente fria. Com muito cansaço, ele chegou ao topo, quando viu o homem que estava esperando o elevador com ele, perguntou:

- Eu não acredito... esse elevador funciona?

E o homem respondeu:

Às vezes!

Luandécia, a enfermeira

Autora: Joyce do Carmo Corrêa
Professor: Francisco J. Mavés Ferreira
E.E.E.F.M. Profº. Leônidas Monte
Abaetetuba – PA

Depois de pedir demissão do trabalho de doméstica (ou escrava, como pensava), Luandécia arrumou um emprego de enfermeira num hospital próximo de sua casa.

No primeiro dia, estava ansiosa para começar a trabalhar, mesmo sabendo que não tinha qualquer experiência nessa profissão. Acordou cedo, rumou para o hospital, bem arrumada, de óculos escuros, bolsa, salto alto, cabelos soltos, toda produzida.

Ao chegar, foi direto para a sala do diretor e pediu o uniforme. Ele lhe deu um casaco branco que ela, de cara, não gostou, mas pensou: “Tudo bem, melhor esse uniforme do que aquela casa infernal.” E lá se foi Luandécia para a sala que dividiria com outras três enfermeiras.

Chegou o primeiro paciente, ela deveria aplicar uma injeção, mas não conseguiu aplicar porque sua mão tremia muito. Depois chegou o segundo, o terceiro, o quarto... e Luandécia não conseguiu aplicar sequer uma injeção.

No fim do expediente, o diretor mandou chamá-la. Ao vê-la, ele lhe disse que teria de despedi-la, pois ela não conseguira fazer seu trabalho.

Assim, Luandécia foi à casa da ex-patroa para pedir o

emprego de volta e, como já era esperado, ela conseguiu e pensou: “melhor essa casa infernal” do que correr o risco de matar alguém e ir presa.

E, assim, Luandécia voltou para a velha rotina de sempre na casa infernal dos antigos patrões.

A Beleza de um homem feio

Autor: Leonardo Araujo da Silva

Professora: Anália Cristiane

E.E. Engenheiro Mário Sales Souto

Carapicuíba – SP

Todos o chamavam de ‘Feio’, e ele sempre quis provar que tinha uma beleza por dentro. Seu nome era Marcos. Ele amava uma menina que se chamava Bianca, mas não tinha coragem de falar para ela.

Sempre chegava bem perto dela, mas faltava coragem. Até que um dia chegou confiante e disse:

- Bianca, eu gosto muito de você e...

Ela não deixou o pobre coitado terminar de falar e disse:

- Você é muito feio. Ele saiu dali com uma cara muito arrependida.

Um dia, uma velha senhora caiu no chão e ficou pedindo ajuda. As pessoas diziam:

- Para de ser chata, sua velha. Mas, quando Marcos (o Feio) passou por ela, não precisou nem ela pedir ajuda, que ele já a ajudou a se levantar.

Algum tempo depois, Bianca, que era a menina que ele gostava, quis namorá-lo, mas ele não aceitou, pois queria uma menina que fosse bonita por fora e que, também, tivesse um bom coração.

Luandécia

Autora: Luana Pereira Lemos

Professora: Maria das Graças

E. E. Dom Pedro II

Porto Nacional – TO

Luandécia era uma moça muito estressada. Ficava zangada com tudo e com todos. Sua vida andava de mal a pior. O que ela mais fazia era gastar. Seu pai, Esmeraldo, um empresário que só queria saber de trabalhar, pouco se importava com sua filha.

Sua mãe morreu em um acidente, quando ela tinha quatro anos de idade e Luandécia cresceu apenas olhando para a fotografia de sua mãe. Sentia sua falta e nunca deixou de amá-la. Toda noite, Luandécia conversava com a mãe.

Seu interesse pela escola estava acabando e seu pai não se importava. Para preencher essa falta de amor, ela gastava, gastava e gastava.

Luandécia foi se envolvendo com pessoas que não devia. Começou experimentar cigarros e bebidas, com amigas que a influenciavam na sua conduta. Mesmo assim, seu pai não se preocupava, Luandécia sentia falta de amor, carinho e atenção.

Em uma tarde, seu pai resolveu procurar a filha, saber o porquê de tanto desinteresse pela vida, se tudo que ela precisava seu pai lhe dava; vida boa e muito dinheiro.

Mas, Luandécia lhe mostrou que não era só isso que ela precisava. Na conversa que tiveram, mostrou ao pai que, acima de tudo, ela sentia falta de amor e de atenção.

Desse dia em diante, seu pai resolveu dar para sua filha o que ela mais queria: o “Amor”.

O dinheiro não é tudo!

O primeiro beijo de Luandécia

Autora: Maisa Cezário Veloso Silva

Professora: Adriana Silva de Oliveira

EEFM Prof. Francisco Coelho Ávila Júnior

Cachoeiro do Itapemirim – ES

Querido diário,

Quando será? Ainda não foi dessa vez, mas foi quase. Gostaria que você tivesse olhos para ver como tudo aconteceu! Nós estávamos com aula vaga, o professor tinha faltado, uma pena, eu gosto da aula de ciências, principalmente quando é na sala-ambiente. Pois é, o professor faltou e lá fomos nós para o pátio da escola.

Legal, a classe do Michel também estava com aula vaga. Que boa, não? Nós começamos a conversar numa mureta de cimento, perto da quadra, depois dali, fomos andando, sem perceber, para o lado de trás, entre a parede e o muro da escola.

Quando demos por nós, ali estávamos os dois, sem ninguém por perto. De longe, o zunzum da escola, das vozes dos colegas, um ou outro grito de professor e o barulho do trânsito na rua. Paramos perto da parede.

Ficamos em silêncio. Eu nunca perguntei a ninguém, mas imagino que, antes de qualquer gesto ou acontecimento importante, deve ocorrer um grande silêncio. Pois, foi assim. Ficamos quietos, sem coragem de falar alguma coisa e estragar o gosto do momento. Eu senti que Michael se aproximou mais de mim. Eu até ouvia a respiração dele. A gente se deu as

mãos, esquecidos do resto do mundo. Sabe, eu já estava sentindo um gostinho sei lá do quê, um calor sufocante do pescoço para cima.

Só esperava os lábios de Michael, o meu primeiro beijo... mas, de repente, a bronca da inspetora de aluno:

“Muito bem! Vocês dois”... Daí, foi uma dureza explicar pra ela e pra coordenadora, e escutar aquela conversa da coordenadora:

“Acho natural o namoro, mas na escola é lugar de estudar etc. e tal”.

Por pouco, em vez do beijo, eu não ganho uma advertência da escola, e aí já viu, né? A bronca em casa... Por falar em casa, minha mãe está louca da vida com o preço da passagem do ônibus que subiu outra vez.

Daqui a pouco, vou ter que ir a pé para a escola. Paro por aqui...

Até qualquer dia!

Luandécia



José da Fala Fina

Autora: Marcella Eduarda Duarte Sousa
Professora: Rita de Cássia Damaglio
EMEF Prof^{ta} Rita de Cássia G. S. Cola
Mogi Guaçu – SP

José trabalhava em um bar. Por ele falar fino, apelidaram-no de ‘Zé da fala fina’. Mas, não se podia falar isso para ele, pois não gostava de insultos. Mesmo assim, todos frequentavam seu bar e chamavam-no pelas costas de ‘Zé da fala fina’.

Um dia, chegou a seu bar um homem que, por coincidência, também falava fino e igual ao ‘Zé da fala fina’, que não gostava de insultos, disse:

- Me dá um copo d’água!

Naquele momento, Zé saiu de trás do balcão e disse:

- Você está tirando onda com a minha cara? – questionou o Zé com a sua voz fina.

O outro que se chamava Jonas também achou que aquilo era um insulto e, naquele momento, a confusão foi armada. Os dois quase saíram no tapa.

Depois de muito tempo batendo boca, descobriram que tinham algo em comum: a fala fina. Naquele momento, todos começaram a rir e, agora, não é mais Zé ou Jonas da fala fina, mas sim, os brigões da fala fina.

O Homem dos sonhos

Autora: Marcyana de Andrade Lima

Professora: Mônica A. Ribeiro Andrade

Colégio Estadual Senador Onofre Quinan

Anápolis – GO

Anacleto era um cara que todas as mulheres queriam para se casar. Ele era lindo, extrovertido, educado e, quando começava um namoro, era de dar inveja a qualquer mulher.

Quando Anacleto saía às ruas, acompanhado de uma gata, os rapazes ficavam indignados e com raiva. Diziam que quando começa assim, logo vira gay, ainda mais esses namoros assim muito grudados e pegajosos.

Certo dia, Anacleto resolveu fazer uma viagem inesperada de dez dias, Leid Line, sua namorada tinha ficado na cidade à espera de Anacleto.

Os dez dias se passaram e, para comemorar, o retorno do amado, Leid Line resolveu dar uma festa de boas vindas. Convidou suas amigas, as invejosas, a galera do barzinho e os amigos de Anacleto.

Anacleto chegou! A namorada estava toda entusiasmada. Matou a saudades de seu amor, mas Anacleto estava frio. Leid Line, notou a sua reação muito estranha. O que poderia está acontecendo?

Anacleto pediu a atenção de todos, batendo com um talher em uma taça, dizendo que queria fazer um anúncio. E logo foi falando.

- Trouxe um amigo novo e gostaria de esclarecer a todos o que fui fazer nessa viagem. Há anos, tinha uma dúvida a

respeito de mim mesmo, mas essa viagem e esse amigo me ajudaram a esclarecer a minha situação.

Houve um longo silêncio e todos se entreolhavam. Nisso, ele começou a falar: - Pessoal... eu sou homossexual! - As pessoas ficaram abismadas. Leid Line, a ex-namorada, que a partir daquele momento já não era mais namorada mesmo, pensou: 'apesar de tudo ainda estou feliz, porque não fui trocada por essas invejosas'.

Tão diferente

Autora: Mariana do Carmo

Professora: Alzira Donizeti da Luz

EMEF. Profª Marina Aparecida R. Paschoalotti

Mogi Guaçu – SP

Dentinho era garçom de um barzinho frequentado só por pessoas ricas. Trabalhava sério, não dava risada, aliás nada de interessante acontecia lá, até aquele dia, bem no meio da tarde, apareceram dois sujeitos esquisitos, atrapalhados e escandalosos já gritando para o garçom.

- O seu moço me traz uma birita - gritou Zé Pinguinha.
- É seu moço, pode trazer que a gente tá podendo, entendeu?
- disse 'Maluco Beleza', abrindo um sorriso enorme.
- O que vão querer? – perguntou Dentinho.
- Pinga, né meu filho – respondeu Zé Pinguinha.
- Moço, qual é seu nome? - perguntou 'Maluco Beleza', mudando de assunto para disfarçar a falta de educação do amigo.

- Meu nome?

O garçom se assustou, pois ninguém era assim, ninguém se interessava por ele; alguns sorriam para ele e nunca perguntaram seu nome.

- Dentinho - disse o garçom baixinho.
- Fofinho? Por quê? - perguntou 'Maluco Beleza', erguendo os dois ombros.
- Não seu idiota é peitinho! – falou Zé Pinguinha.
- PEITINHO? - disse os dois na mesma hora.
- Não senhores, meu nome é Den-ti-nho.

- Ah, sim! E seu Dentinho porque o senhor se veste de pinguim? - falou Zé, apontando para seu uniforme.

- Para de ser besta homem, é coisa de gente chic, você não entende. - Disse 'Maluco Beleza'.

Dentinho, então, sorriu e deu, logo, o cardápio a eles para atender a outros clientes.

- Aqui, está o cardápio.

- Que isso? É de comer? Falou 'Maluco Beleza'.

- Não idiota, isso é um livro, de brinde. - sorriu Zé.

- Não é nada disso senhores, abrindo-o, você terá uma lista de drinks que a casa prepara - explicou Dentinho.

- Casa? Nós queremos bar! - falou 'Maluco Beleza'.

- Drinks? Nós queremos pinga! - disse Zé Pinguinha.

- Ah, vamos pro bar do Tãozinho, vai Zé?

- Vamos sim, vamos. - Disse 'Maluco Beleza'

Levantaram-se e saíram. Dentinho, que nunca havia visto nada igual, atrás do balcão, dava muita risada e jamais se esqueceu daquele dia "tão diferente".

Coragem de optar pela arte - 2

Autora: Melissa Manriquez

Professora: Maria Aparecida O. Souza

E.E. Julio Pestana

São Paulo – SP

Um, dois, três, uma pausa. Esse era o ritmo das batidas do pé de Gertulino no banco da frente. Estava, no ônibus, voltando de seu último emprego, do qual havia sido demitido há poucos instantes. Enquanto o ônibus ali ficava parado, no meio da avenida congestionada, pensava em uma melodia para uma nova letra escrita dias antes.

Quando as portas se abriram, as do ônibus, sua vida começou a mudar. Subiram os degraus do coletivo, uma velha e uma moça muito estranha, porém, de uma beleza exótica. Começaram as duas a distribuir panfletos.

Subitamente, Gertulino se animou com o que leu. Naquele panfleto, estavam as informações de onde um circo, que passava pela cidade, se apresentaria no próximo final de semana.

Dirigiu-se a Monique, a moça dos panfletos, perguntou-lhe se precisaria de ajuda com os preparativos para o próximo espetáculo e, então, acompanhou-a até o local do alojamento.

Lá, teve uma grande surpresa, jamais poderia ter imaginado que deficientes seriam artistas de circo. O homem de pernas de pau realmente tinha pernas de pau. Mesmo com as pernas amputadas, era incrível como fazia questão de usar as meias

brancas, cuidadosamente dobradas, para que ficassem da mesma altura, e o tênis brilhante, encaixado na ponta das pernas de pau

Gertulino ficava surpreso com tudo o que via, o trapezista cego, o palhaço na cadeira de rodas, o malabarista sem uma das mãos... era difícil acreditar no que via. Voltou para casa, fez suas malas, pegou seu violão e, ao sair de casa, deparou-se com seu pai, que lhe perguntou para onde ele estava indo com aquela bagagem. Nisso, Gertulino mostra o panfleto.

“A arte é a coragem para viver”, diz enquanto sai pela porta.

Esposa dominadora

Autora: Micheli Bourdot

Professora: Elaine Flávia Marian

Escola de Educação Básica Bertino Silva

Leoberto Leal – SC

Meu nome é 'Feio'. Sou um pouco tímido, o nome da minha mulher é Luandécia e ela é muito mandona. Eu estou cansado de ser mandado por ela, por isso, decidi ir até um psiquiatra.

Na consulta, o especialista na psique humana me disse que eu tenho que ter autoestima. Ele, também, deu-me um livro de autoconfiança que lia frequentemente. Ao chegar a minha casa, fui logo dando uma dura nela:

- De agora em diante, eu quero que você saiba que sou o homem desta casa e a minha palavra é lei! Eu quero que você me prepare uma refeição dos deuses imediatamente e, quando terminar, quero sobremesa, ouviu?

Depois do jantar você vai me preparar um banho quente com massagem e tem mais, quando eu terminar o meu banho, adivinha quem vai me vestir e me pentear?

- O homem da funerária! - Ela respondeu, depois de me encher de tapas.

Maluco Beleza sobe ao paraíso ou desce às trevas?

Autor: Mirian Sousa de Freitas

Professora: Eva Socorro da Silva

Escola Municipal Alfredo Pedro da Silveira

Campo Limpo de Goiás – GO

A hora de todos chega! A do ‘Maluco Beleza’ foi na flor da idade. Ninguém sabe o porquê, mas foi encontrado duro e esticado. Bom, a dúvida agora seria: Ele sobe ao céu ou ele desce às trevas? Chegando aos portões celestiais, foi logo entrando. No dia seguinte, reuniu-se uma assembleia, para decidir para onde iria o tal ‘Maluco Beleza’. Houve uma confusão total! Pois, ‘Maluco Beleza’ já aprontara muito, mas nunca fez nada grave. No meio da confusão, foi dada uma sugestão pelo próprio:

- Fico uma semana aqui em cima e outra lá embaixo. No final, fico no lugar que mais me adaptar!

Todos concordaram. Sua primeira semana foi no céu e como sempre não faltou confusão. Todos foram apelidados, até mesmo Deus de seu “Zé da Pipoca”, (pois, tinha certa semelhança com seu vizinho Zé da Pipoca).

Logo após descer do céu, fizeram uma tremenda festa pela sua partida. Sua semana lá embaixo, não é nem bom comentar, pois o “Senhor das Trevas” teve de tirar umas férias, depois

das maluquices de ‘Maluco Beleza’.

Então, reuniu-se, novamente, a assembleia para a nova decisão. Repetiu a confusão do encontro anterior. Então, “o doidinho” deu mais uma sugestão:

- Se não posso ficar em cima nem embaixo, fico no meio ué! Todos concordaram então.

Quando o ‘Maluco Beleza’ acordou, estava em uma mesa e todos ao seu redor. Começou a se mexer e todos começaram a correr. O ‘Maluco Beleza’ foi andando até a esquina, viu seu Zé da Pipoca, ajoelhou-se e começou a gritar:

- Obrigado, meu Deus!!!

E agora Orlei?

Autora: Mônica Soares de Oliveira

Escola de Referência em Ensino Médio Jarina Maia

Professora: Cristina Portela de Lima Vêloso

João Alfredo – PE

Orlei passou uma semana desconfiado e com peso na consciência. Para diminuir essa culpa, ele levou a mulher ao shopping, aos shows que ela quisesse ir, ao restaurante, etc. Tudo isso para agradá-la.

Sua mulher, aproveitando a situação, pediu a Orlei que a levasse pra tomar uma cervejinha em algum bar. Orlei não pensou duas vezes e levou sua mulher para o bar onde aconteceu o “rola e rola” com Gracelinda.

Chegando lá, Orlei toma todas e fica embriagado e sua mulher, que não é boba nem nada, começa a lhe fazer perguntas, como: “O que você fez na noite em que saiu sozinho, chegando bêbado em casa?” Uma mísera e pequena pergunta levou o pobre Orlei ao fundo do poço.

Ele contou tudo, que tinha traído a mulher e que havia feito no carro para não dar pistas... E, para piorar a situação, Gracelinda chega ao bar e vê o Orlei, dá-lhe um beijo e, o pior, Orlei corresponde. Pronto! O barraco ta fechado!

A mulher de Orlei fica uma fera, vira uma cobra cascavel e bate em Orlei, depois de muita briga entre os dois, eles vão para casa.

No dia seguinte, com os ânimos mais calmos, ele explica que nunca viu aquela doida e sua esposa disse que só acreditava se ele tivesse coragem de ir na casa do Pai Manê, para rezá-lo.

Para quem não sabe, Pai Manê era do tipo mentiroso e enrolão, não era ‘pai de santo’ e só fingia para ganhar dinheiro.

Chegando lá, Orlei, após ter sido benzido e rezado, descobriu que havia entrado na sua alma um espírito zombeteiro, esse espírito estava tentando derrubar Orlei.

Orlei fez isso sem consciência, disse ao Pai Manê que apontou como o remédio um banho de sal grosso. E a pobre coitada da mulher balançava a cabeça, dizendo: “É Orlei, foi culpa da bebedeira da semana passada.”

Esmeraldo no avião

Autora: Núbia G. B. Manoel

Professora: Claudinea Aparecida da Silva

EMEF Antonio Giovanni Lanzi

Mogi Guaçu – SP

Esmeraldo, um velho garçom, aposentado, resolveu visitar sua tia nos Estados Unidos. Ele teria que ir de avião, mas estava com muito medo, pois era sua primeira viagem aérea.

O dia da viagem chegou e, ao se aproximar do aeroporto, suas pernas ficaram bambas.

Embarcou no avião, e começou a procurar a sua poltrona, logo a encontrou e sentou-se ao lado de uma senhora. Alguns minutos depois, a viagem começou e a confusão também. A senhora que estava ao lado de Esmeraldo chamou a aeromoça para pedir algo para comer:

- Ei, moça!

- O que deseja?

- Estou com muita fome e gostaria de comer algo!

- Só um instante. - A aeromoça muito educada e eficiente trouxe a refeição.

A senhora começou a comer; mas, minutos depois, muito irritada, chama a aeromoça para reclamar:

- O bife está duro, o arroz muito salgado. - A aeromoça respondeu que preparar as refeições não era sua função.

Esmeraldo, ouvindo a discussão, resolveu interferir, e disse para a senhora que realmente a aeromoça não era culpada, e que ela deveria ir reclamar em outro setor.

A senhora, ao ouvir Esmeraldo, levantou-se, e foi procurar

o responsável.

Esmeraldo continuou sentado em seu lugar, ligou a televisão para assistir ao noticiário, de repente, a televisão parou de funcionar e ele, apavorado, chamou a aeromoça. Ela veio correndo para ver o que estava acontecendo.

- O avião está caindo, socorro! Socorro!

- Calma, senhor, está tudo bem, o avião não está caindo, nós é que acabamos de chegar.

Piloto de sonhos

Autora: Rafaela Pupin de Oliveira

Professora: Eunice de Araújo Salmazo

E.E Joaquim Antônio Pereira

Fernandópolis – SP

Dentinho acordou, naquela quarta-feira, a fim de projetar mais um de seus sonhos na realidade. Recordou-se de sua infância e imaginou quando era campeão, carregava a bandeira e festejava sua vitória.

Decidiu, então, pôr seu plano em prática. De forma sorrateira, caminhava pelas grandes avenidas, estava ele caminhando, na espera do sinal vermelho aparecer. Saiu em disparada na direção de um carro, sacou a arma e apontou para a cabeça daquele senhor que controlava o volante.

Ele saiu espantado, enquanto os outros, a sua volta, chamavam a polícia. Num ato só, Dentinho entrou no carro e saiu correndo com o veículo. Não pensava nas consequências, não pensava que aquilo poderia ser seu último pesadelo.

Parou somente naquela loja de artigos esportivos e roubou aquela bela bandeira do Brasil. Os carros da polícia já estavam perseguindo-o, mas ele acreditava serem seus adversários da corrida.

Colocou o braço para fora do carro e ficou abanando aquela bandeira, vibrando e se divertindo, a Fórmula 1 estava quase acabando. Nisso, ouviu-se dois disparos.

Vinha da viatura atrás de Dentinho. A primeira bala acertou o pneu do carro, fazendo-o parar e sair batendo em outros carros. E a segunda acertou a mão dele, soltando a bandeira e

anunciando a eterna prisão do garoto sem a mão esquerda.
Apenas um jovem sonhador.

E a trajetória da bandeira que vaga por aí em busca de alguém merecedor de ser brasileiro, para carregá-la e mostrar um Brasil justo e abundante, que é sonhado em existir, pois não é proibido sonhar.

Gracelinda, a velha

Autora: Rafaela S. Fernandes

Professora: Rita de Cássia Damaglio

EMEF Professora Rita da Cássia G.S. Cola

Mogi Guaçu – SP

Eu estava muito ansiosa, pois estava de mudança. Mal podia acreditar como era grande e bonita a casa, tão bonita que não importava quantas vezes eu olhasse, sempre me surpreendia. Mas, essa casa também tinha seu custo e, por isso, depois de apenas “3 meses”, tive que transformar minha linda e luxuosa casa em uma pensão.

No primeiro dia, coloquei o cartaz de “aluga-se”. Já surgiu uma senhora muito interessada, Dona Gracelinda conversou comigo, viu o quarto e ficou com ele.

Engana-se quem pensa que ficou tudo bem, quer dizer, Gracelinda pagava direitinho, pagava até mais que o combinado, mas aquela senhora sensível, amorosa e delicada, que eu conheci havia sumido. A partir do momento que aquela maldita mulher pisou, pela primeira vez em “seu” quarto, aquela praga tirou a máscara e mostrou seu verdadeiro ser.

Gracelinda me incomodava noite e dia, assistia à TV, no volume máximo, berrava uma canção de ninar para o papagaio e convidava amigas à 1h da manhã para ensaiar, pois cantava no coral, ligava no meu trabalho por causa de vazamento de água e de esgoto e até para matar bicho. Fala verdade! Eu tenho cara de encanador? Dedetizadora?

Cansada de tudo, resolvi explicar para aquela senhora as regras do aluguel e que eu não poderia ficar saindo do trabalho

para ficar atendendo a toda hora os pedidos dela. Voltei pro meu quarto tranquila, pensando que, agora, eu pudesse ter paz, só não contava com o que iria acontecer dois dias depois.

Passaram-se dois dias, depois da minha conversa com a senhora, e parece que ela havia entendido a nossa conversa, não me perturbou mais.

Mas, um dia cheguei a casa, vindo do mercado, entrei no quarto e encontrei uma baderna imensa, adivinhem quem estava no meio daquela bagunça? É claro, aquela pobre senhora. No meio de tudo, estavam os meus cadernos de estudo, naquela época, eu ainda estava na faculdade, todos rasgados, meus trabalhos despedaçados, meus projetos de ciências, livros, enfeites de mesa, pratos copos, mobílias, todos rasgados, nenhum móvel escapou da fúria da maldita.

Sabe a desculpa que ela me apresentou? Estava procurando a dentadura. Vê se pode? Foi a gota d'água! Deixei a Gracelinda subir pro quarto e, depois de 10 minutos, revirando, inconformada por ver se alguma coisa havia sido salvo, ergui a cabeça e andei até o quarto da praga.

Pisava nos degraus com tanta força que quase os quebrei, nem bati na porta. Entrei e olhei bem nos seus olhos e fechei a porta bem forte e com vontade.

Naquela noite, eu achei que não dormiria, mas o silêncio era absoluto. Quando o dia amanheceu, levantei preparada, mas senti que algo estranho reinava naquela casa.

Para meu alívio e espanto, a velha havia sumido na poeira como se nunca existisse. Que estranho!

Maluco Beleza no céu

Autor: Richard Anderson Tavares da Silva

Professora: Suellen Faleiros

E. E. Professora Reiko Uemura Tsunokawa

Marília – SP

Como todos já sabem, ‘Maluco Beleza’ era um homem que tinha mania de apelidar as pessoas. Pois, foi por essa razão que acabou morrendo e indo para o céu. Tudo aconteceu assim:

Um dia, o ‘Maluco’ estava em sua casa, quando ouviu sua mãe, dona Marieta, dizer que ia sair para comprar produtos para revender por um valor mais alto e ganhar um dinheirinho.

Enquanto sua mãe ia às compras, ele foi ao bar. No caminho, viu um homem conhecido como Xavier Nogueira. Depois de observá-lo, sem perceber, pensou alto: “Olha aquele cara tem a cabeça parecida com um repolho!”.

Xavier ouviu e, como já estava nervoso com sua mulher que havia saído sem lhe avisar, acabou perdendo a razão. O sangue começou a ferver e ele acabou partindo para cima do ‘Maluco’, que veio a falecer de tanto apanhar. Xavier foi preso, mas isso é outra história.

O que importa é que foi assim que ‘Maluco Beleza’ acabou indo para o Céu. Chegando lá, mesmo depois de tudo que lhe aconteceu, continuou apelidando os anjos, santos e querubins. Por essa razão, foi despachado para o inferno.

Primeiro chamou um anjo de “Churros”, por ter cabelos enrolados e ser moreno, depois um querubim de “Cochinha”. Mas, o pior, foi quando apelidou Santo Expedito de “Super Espinafre”.

Todos ficaram furiosos e foram reclamar com São Pedro. São Pedro, indignado, mandou-lhe uma notificação, dizendo que, por ter insultado o pobre santo, seria julgado.

Nesse julgamento, reunidos todos os santos e anjos do Céu, o veredito foi que ele seria deportado do Céu para o Inferno, por uns tempos, e pagaria seus pecados, fazendo trabalhos comunitários por lá!

Dentinho

Autora: Rosimeire Aparecida Albano

Professora: Fabiana

E.E. Bolivar Boanerges da Silveira

Alterosa – MG

Dentinho era um garoto que morava no morro do Rio de Janeiro.

Cresceu sozinho, sem nenhuma ajuda. Desde pequeno, sempre batalhou para ter o que comer, mas não eram todos os dias que tinha alimento na mesa.

O garoto vendia doces no semáforo e sempre sonhava em ter um daqueles carros que passavam pelas avenidas, ser casado e ter filhos; mas, como ele poderia construir uma família, se ele mal conseguia sustentá-lo.

Certo dia, pensando nisso, resolveu matricular-se em uma escola, a parti daí Dentinho trabalhava e estudava. Ele era muito esforçado e sempre teve as melhores notas da sala. Dentinho concluiu o Ensino Médio e ingressou em uma faculdade de Medicina e nunca mais parou de crescer.

Depois de formado, ele casou-se e teve dois filhos. Agora, ele era um médico famoso, porém, por ser famoso, ele nunca deixou de pensar nas muitas crianças que vivem abandonadas no morro.

Pensando assim, Dentinho construiu um grande centro de caridade, onde abriga crianças e pessoas que vivem na rua.

Agora, doutor Dentinho, hoje, é muito feliz, porque ele faz para as pessoas humildes, o que nunca ninguém fez por ele.

Sua mulher e seus filhos trabalham no centro e o apóiam em todas as circunstâncias, Dentinho é visto como um homem de bem e dirige o maior centro de caridade de todos os tempos.

Maluco Beleza na balada

Autora: Stéphanie Ames

Professora: Rosalva de F. G. Ferreira

*Instituto Estadual de Educação Professor Osmar Poppe
São Luiz Gonzaga – RS*

Depois de ser enxotado do trem e expulso do restaurante, ‘Maluco Beleza’ decidiu participar de todas as festas, viver na balada, para achar uma namorada.

Na primeira noite, foi todo contente, mas não entrou pois, quando foi falar com o segurança, o chamou de “Maguila 83”.

‘Maluco Beleza’ continuava com a mania de colocar apelidos nas pessoas e sempre se dava mal. Outro dia, escolheu outra festa para ir e, dessa vez, jurou, que não iria apelidar ninguém. Viu uma mulher sozinha, na copa, e resolveu falar com ela.

Mentalmente, ele a havia apelidado, mas nem percebeu, quando falou:

- Olá, “Girafa”, está sozinha? Quer que eu te pague uma... - Não deu tempo de terminar e levou um baita tapa na cara. Então, o ‘Maluco Beleza’ resolveu beber, beber e beber muito para, quem sabe, parar de apelidar as pessoas. Viu outra mulher, na fila, para o banheiro e foi falar com ela:

- Oi, você é muito bonita “Cabeça de Mola”, quer dançar comigo. – Nisso, o namorado dela apareceu e o encheu de socos.

Já desanimado, pois nunca iria conseguir parar de apelidar

as pessoas, sentou-se em uma escada próxima da copa e, de repente, uma mulher muito bonita veio falar com ele:

- Olá, o senhor deixou cair a carteira, seu “esquisito”.

Ele encarou a moça e ficou encantado com ela.

- Muito obrigado linda. Qual é o seu nome?

- Fernanda, mas todos me chamam de Ana Saracura.

Pela primeira vez, ‘Maluco Beleza’ não apelidou ninguém.

Ela tinha o mesmo problema que ele e se deram muito bem.

Depois daquele dia, ele começou a se vigiar e ninguém mais foi apelidado por ‘Maluco Beleza’, pelo menos não em voz alta.

O Vendedor de doces

Autora: Susan Rayane de Oliveira Freitas

Professora: Devani Aleixo da Silva

EMEF Profª Elcione Barbalho

Rurópolis – PA

Dentinho, na rua, anda gritando:

- Olha o chiclete, olha a balinha, o pirulito. Dois por um real, quatro por dois reais. Coitado, sonha em ser rico, ter o carro da pessoa a quem vendeu seus doces, ter a bola do garoto, filho do dono do carro.

À noite, vai dormir no seu barraco, sem telhado, com paredes de papelão, e continua a sonhar com sua glória. No outro dia, Dentinho acordou com uma grande ideia, ele iria estudar.

Na escola, Dentinho foi rejeitado por ser pobre, mas não desistiu e continuou estudando. Vários anos depois, resolveu fazer faculdade de Direito. Passou no vestibular e se formou.

Agora, todos os garotos que lhe oferecem doces na rua, ele compra, e aconselha, pois lembra que, quando era garoto, de seus sonhos, e deseja que todos esses garotos tenham o mesmo futuro que ele teve.

O *Bullying* (Maluco Beleza)

Autor: Tatiane Rodrigues Gomes

EMEF Prof^{ta} Antonia Antunes Arouca

Prof^{ta} Soraya N. Sette

Caraguatatuba – SP

E aí? O que você acha de chegar a um ponto de ônibus e uma pessoa gritar: “E aí monstrengo, a clínica psiquiátrica é mais a frente!” E ainda considerando que essa pessoa é bem mais feia que você, eu te pergunto, o que você acha disso? Sinceramente, fico sem palavras.

Até que ‘Maluco Beleza’ me aparece e pergunta: “Nossa cara, você viu aquela gorda que passou aqui, agora? Pirei, cada celulite sem contar as estrias”. É incrível, eu ia começar a falar sobre *bullying* e me aparece o ‘Maluco Beleza’. Rapidamente, eu olhei para ele e não pensei duas vezes, perguntei: “Afim, você gosta tanto de botar apelidos maldosos nas pessoas, sabe que está cometendo um grande crime?”

Nisso, ‘Maluco Beleza’ olhou apavorado e perguntou: “Mas, que crime é este?” E eu: “O *bullying* é uma agressão que se faz a uma pessoa tanto física, quanto psicológica, verbal, moral ou sentimental. Entendeu? Quando você xingou aquela moça de gorda, você cometeu o *bullying*, ou seja, se ela quisesse te processar, naquele momento, ela poderia. A sua sorte é que algumas pessoas não ligam para isso, mas se acaso um dia você chegar a uma mulher e chamá-la de gorda, como você chamou essa, e ela não gostar e te processar, você poderá ser

preso. E aí meu caro é a sua vez, por isso, não faça com os outros o que você não gostaria que fizessem com você”.

Então, o ‘Maluco Beleza’ ficou me olhando entre assustado e incrédulo, mas do jeito que ele é, não sei se emendará.

Maluco Beleza encontra o amor

Autora: Vanessa Brito Bessa

Professora: Sheila S. Campos

Escola de Ensino Básico Ministro Allysso Paulinelli

Limoeiro do Norte – CE

Você se lembra do ‘Maluco Beleza’, aquele que apelidava os outros pela aparência? Pois é, um dia, ele estava andando pela rua apelidando, como sempre, as pessoas, e viu uma mulher muito bonita, de cabelos vermelhos e olhos azuis. Já ia lhe apelidar de “modelo”, quando viu que ela chamou um homem gordo de “Baleia 23”.

Ele ficou paralisado e pensou: “Ela é igual a mim”. Quando ela se aproximou para perto dele, ele a chamou de “Modelo”. Ela virou-se para trás e o chamou de “Cabeludo 16”. Os dois se cumprimentaram, trocaram umas ideias e se abraçaram. No outro dia, já estavam namorando e apelidando um ao outro. Em pouco tempo de namoro, ‘Maluco Beleza’ declarou seu grande amor e se casaram.

Um ano depois de casados, sua mulher estava grávida e tiveram uma filha que deram o nome de Laurinha. Quando sua filha completou quatro anos, estavam fazendo uma grande festa. Sua mãe gritou da cozinha que já era hora dele levantar.

De repente, ‘Maluco Beleza’ acordou e percebeu que tudo aquilo não passava de um belo sonho. Desde então, ele fica, às vezes, parado pensando longe.

Sua mãe lhe pergunta com o que ele está sonhando e ele

responde:

- Como seria bom se eu encontrasse o grande amor da minha vida.

Morreu Zé Pinguinha e o mundo acabou

Autora: Vitória Maria Eugenio Dias

Professora: Juliana Zanco Leme da Silva

E.E Professora Ângela Maria da Paixão Costa

Mogi Guaçu – SP

Estava o maior comentário no velório do Zé Pinguinha. Afirmavam que o mundo iria acabar no dia seguinte. Como vocês sabem, velório é quando todos se juntam: família, amigos, vizinhos.

Ou sai piadas, convites para festas ou até mesmo previsão de desgraças.

Muitos já diziam: ainda bem que o Zé já partiu, agora só falta a gente! Os amigos e conhecidos do Zé, que ali estavam, resolveram desabafar:

- Nossa, o mundo acabará amanhã, ainda bem que posso ir hoje tomar mais um porre, dizia Orlei. Anacleto, que era um homem muito discreto e gentil, nada dizia, pois continuará com suas artimanhas as escondidas.

Ah, o ‘Camisa 10’ também falou: - Agora, não tô nem ai mesmo, vou infernizar a vida daquele menino que dizia, “tira o 10!”, Vou melhorar, driblar, ultrapassar nas jogadas etc. Luandécia, que estava perto, disse:

- Voltei a trabalhar hoje, amanhã, peço a conta novamente!

Todos já tinham em mente o que fazer, nisso, apareceu o ‘Maluco Beleza’ e gritou:

- E aí seus bandos de mal acabados, é mentira, o mundo

não vai acabar, fui eu que inventei essa conversa, pois o 'Zé do Gole' que está ali, deitado, disse que Jesus está voltando.

É o mundo dele que acabou!

Morreu Maluco Beleza

Autora: Wedina Gonçalves Fernandes

Professora: Vanderléia Alcântara

E.E.F Isaac de Alcântara Costa

Farias Brito – CE

- ‘Maluco Beleza’ era um homem tão bom!

- ‘Maluco Beleza’ era tão legal!

- Mas, agora, ele está no Céu, um lugar melhor que a Terra.

E, agora, ninguém vai ter apelidos.

Porém, ele não parou com a mania de apelidar, ou seja, nem os santos escaparam.

Chegando ao Céu, ele viu todos os anjinhos, perto de Jesus e logo pensou: “Era eu com barba grande lá na Terra e ele aqui no Céu! Então, posso apelidá-lo de ‘Maluco Beleza 2’”.

Andando pelo Céu, viu São Pedro, e botou logo o apelido de ‘Branquelo’, na frente, viu um anjinho e o apelidou de ‘Pequenino’, viu outro anjo e botou o apelido de ‘Asa Torta’, e foi colocando apelidos em todos que visse pela frente.

E, de repente, todos foram reclamar a Deus, inclusive Jesus. E o soberano disse:

- Traga o ‘Maluco Beleza’ aqui.

O “Maluco Beleza” atendeu ao chamado. E Deus disse que não dava mais para ele ficar no céu. Despachou-o para o inferno. Obediente, chegou lá e encontrou o diabo e já foi dizendo:

- O que é que tá pegando pretinho? O diabo ficou enraivecido.

- Pretinho o quê! Você Já foi expulso do céu por esse seu jeito de colocar apelidos nos outro. Já vi que não vai durar

muito aqui.

O cara perturbou tanto que o diabo acabou mandando-o de volta para Terra. E não é que o 'Beleza' voltou mesmo. Todos ficaram assustados e, depois de muita insistência, aceitaram o 'Maluco Beleza'. Porém, ele não aprendeu a lição e continuou com brincadeira de apelidar.

E, agora, se as pessoas da Terra não quiserem mais a presença dele no planeta, será que será mandado à Lua; e São Jorge vai aceitar?



Desmistificar o slogan “o brasileiro não gosta de ler”. Esta foi a força motriz que levou o escritor, cronista e dramaturgo Laé de Souza a criar os projetos de leitura **Encontro com o Escritor**, **Ler é Bom**, **Experimente!**, **Lendo na Escola**, **Leitura no Parque**, **Viajando na Leitura**, **Dose de Leitura**, entre outros.

O projeto **Encontro com o Escritor** tem como base o empréstimo de seus livros a adolescentes do ensino fundamental a partir da 5ª série, seguido de um concurso de redação e o encontro com o escritor para um bate-papo.

No projeto **Ler é Bom**, **Experimente!** são doados lotes de 38 livros a cada escola participante. Os alunos desenvolvem atividades de leitura e criação de textos. Já participaram do projeto escolas de todos os Estados do Brasil.

O projeto **Leitura no Parque** tem como objetivo proporcionar entretenimento e incentivar o hábito da leitura em parques públicos. O trabalho consiste no empréstimo das obras de autoria do cronista aos visitantes de diversos espaços abertos em São Paulo.

O projeto **Viajando na Leitura** visa oferecer leitura a usuários de transportes públicos como ônibus e metrô e é executado em parceria com empresas de transportes coletivos.

O projeto **Dose de Leitura** é realizado em parceria com hospitais e direcionado aos pacientes e acompanhantes.

O projeto **Caravana da Leitura** consiste na distribuição ou venda de livros, a preço simbólico, para estudantes e o público em geral nas praças públicas de várias cidades, com a presença do autor, em parceria com as Secretarias de Educação e de Cultura dos municípios.

O projeto **Minha Cidade Lê** objetiva incentivar o hábito da frequência à biblioteca pública. Com a participação de voluntários é colocado um livro em todas as portas das casas da cidade. Após a leitura, o morador a trocará por outra obra do autor na biblioteca local.

Correspondências
CAIXA POSTAL 24.593
03563-970 - São Paulo - SP
E-mail: laedesouza@projetosdeleitura.com.br

Conheça os projetos

Encontro com o Escritor
Ler é Bom, Experimente!
Lendo na Escola
Leitura no Parque
Viajando na Leitura
Dose de Leitura
Caravana da Leitura
Minha Cidade Lê
Leitura não tem Idade
Dia do Livro

no site:
www.projetosdeleitura.com.br



(11) 2743-8400 - 2743-9491
E-mail: ecoarte@ecoarte.com.br

Sobre o Autor



Jequeense, radicado em São Paulo há mais de 40 anos, Laé de Souza é cronista, dramaturgo, produtor cultural, bacharel em Direito e Administração de Empresas, escritor de livros dirigidos ao público infantil, juvenil e adulto. Autor de vários projetos de incentivo à leitura e coordenador do Grupo Projetos de Leitura há mais de vinte anos.

Peças teatrais: Noite de variedades, Casa dos Conflitos, Os Rebeldes, Viravolta na vida e Minha linda Ró.

Obras publicadas: Nos bastidores do cotidiano, Acredite se quiser!, Acontece... e Espiando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile), Coisas de homem & coisas de mulher, a série infantil Quinho e o seu cãozinho Radar, Nick e Bia na floresta encantada (bilingue), dentre outros.

Projetos culturais: Ler é Bom, Experimente!, Caravana da Leitura, Dose de Leitura, Viajando na Leitura, Leitura no Parque, Leitura não tem Idade, Lendo na Escola.

Outras ações: Ao longo de sua carreira, Laé de Souza vem desenvolvendo várias ações de incentivo à leitura em todo o país: doação de livros de sua autoria para estudantes de escolas da rede pública, ONGs, hospitais, usuários de transportes coletivos, palestras para professores e estudantes, caravanas e oficinas literárias, distribuição de livros em casas, praças e parques públicos, edição anual de um livro com textos produzidos por estudantes participantes dos seus projetos de leitura.